

ESCÂNDALO  
"ANGOCHE" II

N. 1918 16/12/76  
preço 15\$00

# Visão Municipal



**autarquias devolvidas ao povo  
e agora?...**



## Eleições para o Poder Local

# LARGA DERROTA DAS FORÇAS ANTIDEMOCRÁTICAS

APESAR DOS BOICOTES, APESAR DAS BOMBAS, AS ELEIÇÕES TIVERAM LUGAR E RESERVARAM UM LUGAR DE DESTAQUE PARA OS PARTIDOS DEMOCRÁTICOS.

MAS NEM TODOS TOMAM OS RESULTADOS NA SUA VERDADEIRA DIMENSÃO. A DEMAGOGIA ANTIDEMOCRÁTICA ALEGA QUE A INCAPACIDADE DE ESTENDER A SUA INFLUÊNCIA É "MAIS UMA VITÓRIA".

As eleições para as autarquias foram encaradas desde o início da campanha como um teste para a democracia. Os resultados confirmaram, desde o início, a esperança das forças democráticas e frustraram a tentativa esboçada pelo PCP e a UDP em criar uma situação propícia a manejos antidemocráticos através da desejada deslocação de parte apreciável do eleitorado para o seu lado.

Iremos limitar-nos à apreciação dos resultados numa perspectiva global, deixando a análise nas suas implicações concretas, nomeadamente na esfera do poder local, para o próximo número. De resto, as implicações dos valores globais da votação depressa ganharam a primazia junto da opinião pública e dos observadores políticos, interessados que estão, estes, na avaliação das inclinações do eleitorado numa altura em que a oposição ao Governo se acentuara na Assembleia da República.

O eleitorado continua a votar preferencialmente nos partidos democráticos, os quais, tal como havia acontecido nas eleições para a Assembleia da República, reuniram cerca de três quartos do eleitorado inscrito. No entanto, a votação foi mais favorável aos três grandes partidos democráticos com representação na Assembleia da República se a compararmos com os resultados obtidos nas eleições para a

Presidência da República em Junho passado. Aí, o candidato apoiado por aqueles três partidos obteria uma votação que, desta vez, foi superada em mais de dez pontos. Em contrapartida, as forças comprometidas em processos antidemocráticos e que, nessa altura, haviam apoiado Otelo Saraiva de Carvalho e Octávio Pato, viram a sua influência eleitoral recuar de cerca de 25 por cento para aproximadamente 20 por cento.

A importância que os presentes resultados assumem para a situação política que o País atravessa toma toda

a sua dimensão quando se trava conhecimento com as ilações que certas forças tentaram (e tentam) tirar desses valores. É evidente que essas forças se identificam aos quadrantes políticos liderados pelo PCP cuja representação na Assembleia da República não permite "por si só" inverter a orientação da política governamental ou inflectir a marcha dos acontecimentos políticos nacionais.

A meta visada continua assim, a ser a formação da "maioria de esquerda", para a qual não basta contar com as múltiplas pressões e influências >

Presidente Eanes: votar constitui "posição de luta em defesa da liberdade democrática"





conduzidas junto do partido governamental. E nesse sentido, tentou o PCP, através da FEPU, obter um campo eleitoral que permitisse brandir mais um argumento, mais um meio de pressão que levasse o Partido Socialista a introduzir elementos afectos ao PCP no Governo e a efectuar uma política mais condizente com a do dr. Álvaro Cunhal.

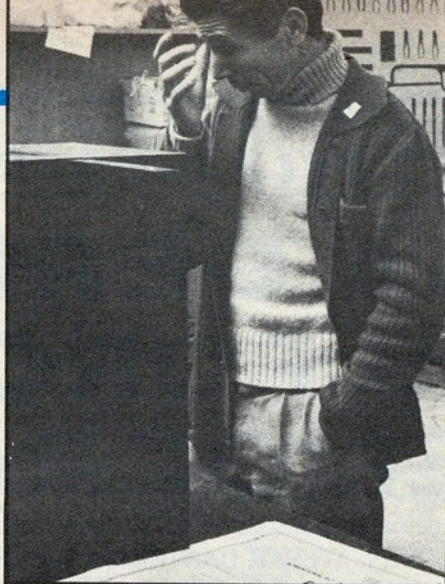
Para esse efeito, há que manipular resultados, há que fazer passar a derrota por vitória. E é nesse caminho e com essa intenção que alguns jornais alinham deduções condenadas desde logo ao fracasso. "Os resultados nas eleições para as autarquias, apontam no sentido de uma confirmação da maioria de esquerda obtida nas eleições legislativas e abrem amplas perspectivas para que o partido governamental — o PS — enverede por uma via correspondente à reafirmada vontade do eleitorado", dizia o "Diário de Lisboa" a abrir o artigo de primeira página reservado à apreciação dos resultados eleitorais.

Para se reconhecer até que ponto se pode chegar na manipulação dos resultados, lançando para a opinião pública títulos e artigos baseados em valores parciais, truncados e despidos de qualquer dedução lógica, por mais optimista que se pretenda ser na análise de resultados adversos, continuamos a reproduzir a abertura do referido vespertino: "Uma percentagem muito significativa da Frente Eleitoral Povo Unido, acompanhada de uma baixa espectacular do CDS, "acendem a luz verde" à esquerda, apesar de perdas do PS que todavia não atingiram a marca para que tendia a maioria das previsões."

Ora na verdade, o CDS não só não desceu como até subiu um ponto.

## QUEM RECUSA

De qualquer forma, o recuo muito nítido do campo antidemocrático relativamente às eleições anteriores não deve levar ninguém a subestimar o facto deste campo se ter novamente reagrupado em torno do PCP, depois da ruptura sofrida com a iniciativa tomada com a candidatura no major



Sentido da responsabilidade provoca apreensão

Otelo. Este campo, contudo — e isso parece-nos ser o aspecto principal — tende a mostrar-se restrito e, ao contrário do que afirmam os seus promotores, muito limitado na sua capacidade em agregar novas aderências. Num momento em que o PCP aumenta a sua contestação à política governamental em sectores tão delicados como o sindical, o agrícola e o educacional, uma estagnação (ou frágil acréscimo) na capacidade de

mobilização eleitoral por parte do PCP relativamente aos valores atingidos em eleições para as Assembleias Constituinte e da República revelam limites muito definidos para as suas possibilidades reais nesse campo.

Por outro lado, o elevado nível de abstenções, conjugado com a conservação do eleitorado afecto aos três grandes partidos democráticos, joga a favor da democracia na medida em que o eleitorado abstencionista lhe é potencialmente afecto. Desta maneira, a deslocação do eleitorado que a FEPU pretende fazer crer ter beneficiado o seu campo é duplamente falsa, revelando fraqueza e incapacidade congénitas.

Assim saibam os governantes tirar as ilações e não se deixar prender na demagogia "esquerdizante", numa altura em que o próprio partido governamental não sofreu as perdas substanciais que os observadores estimavam e os socialistas receavam. Numa altura em que, nestas eleições, se verificou uma descida do bloco antidemocrático.

● J.M.

# AS ELEIÇÕES VISTAS DA GULBENKIAN

Fundação Gulbenkian em noite de contagem de votos. Transformada, desta vez, em "centro de convívio de jornalistas", os seus enormes salões albergavam uma pálida imagem da vivacidade que neles se viveu em anteriores eleições. O edifício da Fundação foi, aliás, um "centro de jornalistas" por onde se passearam muitas pessoas que nada têm que ver com a informação.

De qualquer forma, o "folclore", de noites eleitorais anteriores não se repetiu. Também não se justificava. O centro das atenções fora mudado para os estúdios do Lumiar.

Pouca gente, pouco interesse numa Gulbenkian ainda, praticamente despoçada às 20 horas de domingo. Nos "écrans", Raul Durão anunciava que os primeiros resultados só surgiriam cerca das 21 horas, enquanto no bar se conversava um pouco mais acaloradamente, mercê das previsões que se faziam. Alguns jornalistas brasileiros discutiam futebol ajudados pela televisão

que transmitia o Telefutebol.

Com o passar do tempo o número das gentes da Informação ia aumentando. Mas tudo muito lentamente. O carácter de urgência de outras noites não se repetia.

21.30 — no circuito interno de TV surge o primeiro resultado destas eleições. Tratava-se da freguesia de Mofreita, que, em virtude de contar com um



número inferior a 300 eleitores, elegera em Plenário, a sua Assembleia de Freguesia com a seguinte votação: FEPU, zero votos; PS, 3; CDS, 63; PSD-PPD, 5.

Ao mesmo tempo o computador ia fornecendo novos resultados. Começava a viver-se um pouco mais de agitação.

22.30 — O capitão Sousa e Castro chega à Gulbenkian. Assediado por alguns (poucos) jornalistas, escusa-se a responder a quaisquer questões. A um nosso camarada que lhe pergunta se sempre se confirmava a demissão do general Morais da Silva, responde lacónicamente: “É uma boa pergunta para lhe fazer a ele.” E mais não disse Sousa e Castro durante o tempo que permaneceu na Fundação.

22.45 — Ao cimo das escadas surge Firmino Miguel. Passados alguns minutos conversava com um jornalista brasileiro, enquanto os portugueses se mostravam alheados.

A partir de então a chegada de personalidades passou a ser mais frequente. Manuel Alegre, Martins Guerreiro, Costa Brás. A letargia continuava a ser, de tal forma, a nota dominante que, praticamente, ninguém esboçou uma aproximação ao ministro da Administração Interna.

Enquanto isto, começavam a ser mais frequentes os dados enviados pelo computador. O número de resultados apurados ia-se avolumando mas, como

é natural, oriundos de freguesias pequenas que não proporcionavam qualquer hipótese de previsão com um mínimo de certeza.

00.40 — Vítor Alves e Vasco Lourenço deram entrada na Gulbenkian, facto que proporcionou o primeiro cerco de jornalistas da noite. O brigadeiro Vasco Lourenço declarou que “estas eleições foram mais calmas que as anteriores que, por sua vez, já tinham sido bastante calmas.” Segundo o comandante da Região Militar de Lisboa, tal devia-se ao facto de “O povo ser sereno, como diz o almirante Pinheiro de Azevedo”. Instado a pronunciar-se sobre a reunião do Conselho da Revolução que decorrera horas antes, Vasco Lourenço afirmou ter sido “pura rotina”.

Entretanto o computador avariava-se às 00.45, hora a que foi transmitido o último total nacional, já errado, só voltando a funcionar em boas condições cerca de uma hora depois. Uma hora antes o último total nacional colocava o PSD/PPD à frente com 33,26 por cento do sufrágio, seguindo-se-lhe o PS com 26,47 por cento.

Aqui uns denunciavam espanto enquanto outros afirmavam ser ainda muito cedo para fazer previsões. Na realidade ainda se encontravam apuradas apenas 415 das 4035 freguesias que constituem o total do País.

01.40 — O dr. Sá Carneiro mostrava-se, de certa forma eufórico ao en-

trar na Gulbenkian. Muito embora não adiantasse qualquer previsão com o rótulo de certeza (quem se atravava a fazê-lo?), o presidente do PSD/PPD afirmou contudo estar confiante quanto aos resultados finais das eleições, considerando que, muito embora os resultados não provoquem a queda do Governo, “obrigarão a uma reformulação da política do PS”. Referindo-se ao elevado número de abstenções, Sá Carneiro diria que isso se deve “a uma certa desilusão do eleitorado que se apercebeu já que esta democracia não se traduziu numa posição de relevo para o povo”.

Pouco depois vislumbrámos o arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles com um ar, naturalmente, sorridente. Motivo: o concelho de Ribeira de Pena havia eleito, para seu presidente de Câmara, João Alves Pereira, do PPM.

Ribeiro Telles afirmar-nos-ia que “vivemos numa tirania da Assembleia da República”. Isto porque, segundo aquele destacado membro do PPM, “os grandes partidos não sabem funcionar



Firmino Miguel e Canto e Castro: a Defesa e o Conselho da Revolução

a nível local. Logo, se o PS disser que vai tomar em atenção ao que se passa nas autarquias locais, está a fazer “bluff”. O PS depende da AR. Não pode funcionar senão a nível nacional”. Referindo-se aos baldios, o arq. Ribeiro Telles afirmou que “é criminoso que os baldios continuem a ser entregues aos serviços florestais e não às populações. Estas são forçadas a “pedinchar” no Terreiro do Paço aquilo que lhes não é dado no seu município”.

04.40 — Ladeado por Manuel Ale

Jaime Neves — um dos centros das atenções no Lumiar





gre (o queixo sempre bem erguido). Mário Soares deu entrada na Gulbenkian, tendo sido, de imediato, rodeado pelos jornalistas que o impediram de se esgueirar rapidamente, como nos pareceu ser seu desejo. O Primeiro-Ministro afirmaria que "o mais importante para o PS é a conquista dos concelhos". Quanto à possível reformulação da política do PS, preconizada por Sá Carneiro, o dr. Mário Soares considerou que "após conhecer os resultados finais, o PS irá estudá-los e pensará de seguida qual a melhor política a pôr em prática", acabando por dizer que "o certo é que já temos os concelhos mais fortes. Por isso não acredito num reforço da oposição".

Os resultados, entretanto, iam-se tornando cada vez mais frequentes.



O abstencionismo atingiu uma percentagem relativamente elevada, o que era desejado (e até certo ponto provocado) por alguns

## AS ABSTENÇÕES

Durante o fim-de-semana passado foi enorme o número de pessoas que atravessou a fronteira e foi passar esses dias ao estrangeiro. Talvez que isto e a falta de água que se verificou em Lisboa possa explicar boa parte da enorme percentagem das abstenções verificadas. Estas foram, pode dizer-se, um dos dados novos destas eleições. Se é certo que a extrema-direita, na sua maioria, se absteve, não é menos certo que o grosso do abstencionismo parece poder atribuir-se ao eleitorado dos partidos democráticos, uma vez que,

Um pouco mais de movimento percorria, finalmente, os amplos salões da Gulbenkian. Os jornalistas protestavam pelo facto de os resultados não serem enviados para a sala de Imprensa com a brevidade desejada.

Com o aproximar da manhã o edifício ia-se despovoando. Foi já com muito pouca gente presente que Jorge Campinos deu a sua conferência de Imprensa, no que foi seguido por Álvaro Cunhal.

Quando o último total nacional foi emitido às 07.50, poucos eram os jornalistas presentes. Na Fundação Gulbenkian a noite acabara como tinha começado: fria. Tudo muito metódico, tudo muito lento. O "bom" era nos estúdios do Lumiar.

na sua grande maioria, este eleitorado é composto de pessoas muito menos militantes politicamente que esse outro sector da população que vota normalmente PCP ou UDP. Nos estúdios da RTP ao Lumiar (gente pertencente ao MCS parece não ter gostado que a RTP tenha organizado uma recepção nos estúdios do Lumiar que acabou por fazer com que as principais figuras da política e do jornalismo não aparecessem na Fundação Gulbenkian onde o Palácio Foz tinha montado a "sua" reunião) estiveram conselheiros da Revolução, ministros, líderes de partidos e directores de jornais. Aí falou-se de um livro de Oliveira Marques que refere o crescimento periódico que o fenómeno abstencionista registou durante a Primeira República...

## O GOVERNO PASSOU MAIS UMA PROVA

Viu-se agora que o eleitorado PS não foi afectado pela saída do Governo de Lopes Cardoso, nem pelo que sucedeu a alguns signatários da Lista B. A política de Mário Soares foi aprovada pelas bases do PS e o Primeiro-Ministro ficou com as mãos mais livres para poder manobrar mais à sua vontade no próximo congresso, em Janeiro, que o PS vai fazer no Porto. Apesar do desgaste a que tem sido sujeito, o PS manteve-se o maior partido português e a descida percentual que sofreu pode considerar-se mínima. Além disso, registou duas vitórias significativas em locais como Porto Santo e Santa Comba Dão, tradicionalmente conservadores.

A vitória conseguida acabou por fazer esquecer o relativo desaire sofrido nas vésperas do acto eleitoral quando o PS viu unidos num protesto todos os partidos presentes na Assembleia da República que o criticaram pelo facto de os ministros PS terem falado na TV durante a campanha eleitoral.

## SÁ CARNEIRO MAIS PERTO DO PODER

Tendo feito passar o seu partido de popular democrático a social-democrático, Sá Carneiro viu agora que as bases do PPD/PSD continuam a segui-lo. Mais: relativamente ao conjunto geral, os sociais-democratas manifestaram uma subida que os aproximou do PS e que pode servir de apoio à tese, que continua a ser defendida em vários quadrantes, de um Governo PS/PSD. Nos Açores, Mota Amaral mostrou que está sólido e no distrito da Guarda e em Beja (Ourique) Sá Carneiro foi buscar presidências de câmaras a zonas consideradas até aqui como afectas a outros partidos. Teve no entanto uma ligeira quebra, na cintura industrial de Lisboa, cujas causas parece estarem em estudo pelos dirigentes do partido. Aqui pode muito bem ter acontecido, segundo diversas opiniões que, ou a máquina do PPD de Lisboa trabalhou





mal ou o eleitorado de Lisboa se dividiu, mais nitidamente, entre socialistas (PS) e democratas-cristãos (CDS). Na província a campanha do PPD foi orientada sobretudo para os candidatos locais e menos para o partido no seu conjunto. Pode dizer-se, portanto, que, em eleições para autarquias locais, esta política, seguida pelo PPD e pelo PPM (e não pelo CDS), provou ser a mais correcta.

## POVO UNIDO

Quem é o Povo Unido? Claro que não é o PCP. Este partido nem sequer constitui a maioria dos votantes naquela frente. Porque dos 7 por cento obtidos por Octávio Pato nas presidenciais até aos 17 por cento agora obtidos pelo Povo Unido ainda vão 10 por cento. Dez por cento pertencentes seguramente ao antigo eleitorado de Otelos que sofreu uma quebra enorme. E talvez a outros sectores: na baixa de Lisboa vimos, nas vésperas das eleições, um homem que ostentava na lapela um emblema do PS e outro do Povo Unido. O que, se não quer dizer que fosse um simpatizante do PS... mostra que se procurou desviar as bases socialistas da disciplina partidária.

Quanto ao Povo Unido, não sendo maioritariamente o PCP, a verdade é que é o PCP quem o comanda. E que é o PCP quem domina agora, formal e oficialmente em parte do Alentejo.

## CDS SUBIU DE NOVO

O único partido que não se reclama do socialismo subiu menos do que em muitos sectores se esperava mas subiu alguma coisa. Subiu sobretudo em

**Quebra ligeira no eleitorado constitui vitória nas condições de partido do Governo. Soares reconhece desgaste governativo**

zonas de maior tradição política, como Lisboa e Aveiro, mas desceu no distrito da Guarda que considerava "seu". O facto de basear muito a sua campanha no nome de Freitas do Amaral e de vários dos seus quadros colaborarem na campanha de outros

partidos, nomeadamente o PSD, pode explicar o facto.

## PEQUENOS PARTIDOS

Verificou-se uma subida espectacular do PPM, em cuja sede nacional, no dia da anunciada vitória em Ribeira de Pena, estavam todos admirados. Conquistou também um honroso terceiro lugar em Elvas.

Tendo o Povo Unido arrecadado a maior parte do eleitorado de Otelos, os pequenos partidos ficaram todos abaixo dos 3 por cento.

Firme parece continuar a ser o eleitorado de Ramalho Eanes o qual, com ligeiras variações entre um partido e outro parece continuar solidamente ligado ao conjunto PS, PSD e CDS. Este conjunto que pode considerar-se o esteio da democracia e da liberdade continua a ser a grande maioria dos portugueses, representando três quartos do eleitorado.

F.S.

# Assembleia da República

## A RENÚNCIA DISTRAÍDA... OU UMA MEDIDA DEMASIADO IMPOPULAR

Se é verdade que cada revolução, como observou Noel Pierre Lenoir, contém uma guerra civil em germe. não é menos verdade — acentua o autor de *Sociologie de la Révolution* — que é a contra-revolução que geralmente desencadeia a guerra civil.

Está, pois, nas mãos do Governo impedi-lo. Ou será uma sociedade em guerra civil consigo mesma. O estado de quase colapso económico-financeiro a que fomos levados, quer por convivências de vária ordem quer por outra forma não menor de responsabilidade atraída — a renúncia distraída — caso de que enfermam sobretudo os incriveis e trágicos processos de descolonização, consideradas até há pouco tempo e ainda hoje por parte de membros do Governo de "exemplares", também nada muda ao panorama, nem defende sequer os fundamentos do

caos em que parece viver o País, que já aceita empréstimos, como o do Banco Europeu de Investimentos, da ordem dos 180 milhões de dólares, cuja taxa de juro corresponde a cerca de 30 escudos por dólar, com prazo mínimo de amortização de 10 anos. O que pensa o Primeiro-Ministro Mário Soares é lá com ele e com a sua visão política extremamente complexa, porventura não apropriada ao momento de clarificação que o País exige. Não admira portanto que na sessão da Assembleia de sexta-feira, 10, houvesse uma abstenção conjunta do PCP e do CDS, que consideram pôr este empréstimo em risco a independência nacional, enquanto o PSD tecia igualmente as suas reservas a presumíveis novos empréstimos. E a propósito: que se fez ao dinheiro vindo de fora, em somas bastantes extraordinárias, do qual não vimos o aproveita-